

Antonio Callado: literatura engajada no Brasil do século XX

Geam Karlo-Gomes¹

A literatura, que se materializa em meio ao imaginário, está intimamente relacionada à vida em sua dinâmica social, cultural, política. A presença do imaginário político na literatura é concebida, muitas vezes, como engajada. Nela, a influência das forças ideológicas e dos seus decorrentes conflitos ressoam nas ações e vozes das personagens e acabam configurando um projeto com ambivalência utópica e realística – ressonando o individual e o coletivo das circunstâncias socioculturais – e, muitas vezes, criam uma estética *sui generis*. É nesse cenário que a arte se torna prática social. A literatura mostra como são arranjados os contrários, os conflitos, os interstícios entre uma ação e outra e o simbólico jogo de poder.

O romancista, dramaturgo e jornalista niteroiense, Antonio Carlos Callado, um dos maiores nomes da literatura brasileira do Século XX, foi responsável por constituir uma narrativa que reflete um projeto engajado para o Brasil em meio aos conflitos da Ditadura Militar. Os problemas que ancoram seus personagens estão sempre concatenados a uma causa política, social ou religiosa, pois sua ficção é marcada por intrigantes retratos de contextos revolucionários.

Antonio Callado nasceu em 26 de janeiro de 1917, único filho homem e caçula do médico Dario Callado e da professora Edith Pitanga Callado e neto paterno do Desembargador Antonio Pitanga, abolicionista que detinha amizade com os índios. Faleceu em 28 de janeiro de 1997, dois dias após completar 80 anos. Coincidentemente, foi em 1917 que surgiram os principais movimentos que deram origem a dois grandes modelos socioeconômicos, que dividiram o planeta em dois grandes blocos: capitalismo e socialismo. É exatamente no imaginário utópico comunista e nas lutas de esquerda que nasce seu vasto projeto literário.

¹ Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco. Líder do ITESI/CNPq. Doutor em Literatura e Interculturalidade. Estudioso da literatura de Antonio Callado desde 2011. E-mail: geam.k@upe.br

Em entrevista, Callado confessa: “Nunca me filiei a nenhum partido. Permaneço fiel, absolutamente fiel ao que fui e sou: um homem de esquerda, que crê no socialismo²”. Assim, como revolucionário das letras, foi preso em sua residência no ano de 1968. Durante quinze dias, ficou na prisão com “comunistas muito simpáticos³”: Gilberto Gil, Caetano Veloso e Ferreira Gullar. Sofreram humilhações, mas não foram torturados. Esse foi o preço pela coragem para fabricar um projeto literário em que criticou veemente a falta de posicionamento político de artistas e intelectuais. Para ele, o compromisso com a literatura está circunstanciado pela dualidade de sentido: a arte e o engajamento político.

Não é de admirar que a estreia de Callado na ficção é marcada pela exaltação de problemáticas sociais, que se estendera por todo seu percurso histórico e literário, assinalando as vozes dos esquecidos e o compromisso com os princípios universais da Igualdade, Liberdade e Fraternidade, que tiveram início nas revoluções burguesas e deram início à Idade Moderna.

No seu primeiro romance, *Assunção de Salviano* (1954), cogita-se uma revolução, “Operação Canudos”, liderada por Manuel Salviano, um homem fingindo ser um profeta semelhante a Antonio Conselheiro. Esse processo resultaria em uma Guerra com a desejosa vitória do Partido Comunista e a desmoralização dos padres e latifundiários, durante a procissão de Nossa Senhora da Glória, em Juazeiro da Bahia. A inspiração para essa obra pode ter residido no seu vasto trabalho como jornalista. O projeto literário de Callado sempre esteve imbricado com o jornalismo. Ele conheceu as Ligas Camponesas e manifestou sua solidariedade aos camponeses que habitavam o Engenho Galileia, em Vitória de Santo Antão, Pernambuco. Esse foi o mais antigo símbolo de luta pela reforma agrária no país e serviu de referência para muitas reportagens e ficções. É o caso do romance *Quarup* (1967) e da peça *Forró no Engenho Cananéia* (1964).

Outras reportagens, publicadas também em livros, constituem um dos trabalhos mais significativos da carreira de Antonio Callado: *Esqueleto na Lagoa Verde* (1953), *Os Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco* (1959), *Revolução piloto em*

² Cf.: JOSEF, Bella. *Antonio Callado*. Novas Seletas. Coord. Laura Sandroni. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p.8.

³ Palavras usadas por Callado em entrevista à Literatura Comentada. In: LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Antonio Callado: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios*. São Paulo: Abril Educação, 1982, p. 7.

Pernambuco (1963), *Vietnã do Norte: o outro lado da guerra* (1968), *Passaporte sem Carimbo* (1978) e *Entre Deus e a Vasilha* (1984).

Além da experiência de Callado com os grupos sociais menos favorecidos, propriamente os camponeses do Nordeste brasileiro, o autor se inquieta com os valores morais e as atitudes éticas, apelando para uma educação sobre a dignidade. Esse intento é compreendido a partir de uma confusão em Congonhas do Campo, Minas Gerais, em virtude do furto de uma imagem sacra feita por Aleijadinho. Por conta disso, um tempestuoso processo de culpa e crise existencial assola o personagem Delfino, que se coloca em posição contrastante entre o exemplo de Judas Iscariotes e Cristo, assim como narrados em *A Madona de Cedro* (1957).

O compromisso com os camponeses e a causa comunista tem continuidade em suas publicações posteriores, como em sua obra prima, *Quarup* (1967). A aproximação da Igreja à causa revolucionária, na figura do padre Nando, unindo-se a um grupo do Partido Comunista e ao serviço de proteção indígena, ressalta a utopia de fazer da Amazônia uma “Terra Prometida”. Por outro lado, o fracasso de um plano revolucionário de intelectuais de esquerda, no tempo das guerrilhas, é o enredo de sua obra seguinte, *Bar Don Juan* (1971). Nela, brota um sonho de fazer uma grande revolução na América, com a adesão do revolucionário Che Guevara, na Bolívia.

Já *Reflexos do Baile* (1976) traz o “revolucionário” na trama e em sua própria estética. De estilo romanesco epistolar e totalmente diferente dos outros primeiros romances, a obra narra o plano de um grupo de conspiradores que decide raptar um embaixador, encarregado de trazer os ossos de Dom Pedro ao Brasil. Mesmo em meio a mais um plano revolucionário sem sucesso em *Reflexos do Baile*, em *Sempre viva* (1981), há uma contínua esperança. Dessa vez, do protagonista Quinho, antes da abertura política no país em virtude da ditadura, fazendo-o aderir ao grupo dos comunistas, em oposição aos policiais disfarçados de caçadores. O que move a trama é o desejo de vingança de Quinho por encontrar os torturados de Lucinha, sua esposa.

Um ano após, Callado publicou *A Expedição Montaigne* (1982), retratando uma guerrilha de índios contra o colonialismo dos brancos, liderados pelo jornalista Vicentino Beirão e o índio Ipavu, lembrando as figuras de Quixote e Sancho Pança. Esse projeto em

favor da causa indígena tem continuidade em *Concerto Carioca* (1985), com um conflito que resulta na morte de Xavier, um funcionário de proteção aos índios.

Em *Memórias de Aldenham House* (1989), seu último romance, reside o cenário político da Segunda Guerra Mundial nos anos 1940. Londres é ponto de encontro para alguns latino-americanos que fogem da ditadura de seus países. A relação inicial é conflituosa, mas resulta em amizade. Além disso, percebe-se nessa obra uma forte crítica de Callado em evidenciar a Inglaterra como eterna colonizadora.

Em 1993, Callado ainda publica *O homem cordial e outras histórias*. Em um dos contos dessa obra, há a história de Jacinto, um típico brasileiro, chocado com as brutalidades de conflitos políticos da ditadura militar da década de 1960. Entretanto, ele é um homem cordial, preocupado com a situação dos jovens, como sua filha. Um ano depois, escreveu *Crônicas de fim de milênio* (1997), com uma reflexão de teor comunista, discutindo a propriedade privada. Nessa obra, há uma intrigante crônica: *Exército pode se tornar convidado perigoso*, tecendo comentários sobre um assalto a sua própria casa, em Maricá.

Transparente em sua posição política, comprometido com as causas sociais e indignado com os artistas e intelectuais alienados, Antonio Callado se consagra como um grande expoente da literatura brasileira, com um temperamento de jornalista que lhe rendem 9 romances, mais de 8 peças de teatro, além de crônicas e contos.